

DOI: 10.46943/V.CINTEDI.2024.02.005

O USO DO(S) RECURSO(S) ICONOGRÁFICO(S) NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Tássio Ricardo de Oliveira Carlos¹
Sawana Araújo Lopes de Souza²

RESUMO

A incorporação de recursos iconográficos tem se destacado como uma estratégia inovadora e relevante, particularmente quando direcionada a educação especial, notadamente aquelas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Este estudo tem como objetivo analisar de forma aprofundada e abrangente como a integração de recursos iconográficos no ambiente educacional pode potencializar o processo de ensino e aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), visando compreender as implicações positivas e estratégias eficazes para otimizar a experiência educacional desses alunos. Metodologicamente trata-se de uma investigação com a abordagem qualitativa e bibliográfica a fim de que possamos compreender sobre a inserção do TEA no campo educacional. A partir da presente investigação constatamos que o estudo da iconografia como ferramenta de ensino proporciona uma abordagem inovadora e eficaz para a instrução de crianças com transtorno, especialmente aquelas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A análise do impacto dos recursos iconográficos no contexto educacional de alunos com TEA revela benefícios notáveis. A natureza visual desses recursos proporciona uma linguagem acessível para crianças com dificuldades na comunicação verbal e habilidades sociais. Através da interação com imagens, esses alunos podem assimilar conteúdos acadêmicos de maneira mais

1 Mestrando do Curso de Mestrado em Ciências da Educação da Ivy Enber Christian University, tassio_ricardo@hotmail.com;

2 Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE /UFPB). Professora Orientadora da Ivy Enber Christian University. E-mail: advisor@enberuniversity.com;

eficiente, superando barreiras cognitivas que podem surgir em métodos tradicionais de ensino. Este texto busca explorar a contribuição dos recursos iconográficos no processo de ensino e aprendizagem, com ênfase específica na experiência do aluno autista. Os resultados desta análise destacam o papel significativo dos recursos iconográficos no enriquecimento do processo educacional para crianças com Transtorno do Espectro Autista. Portanto, a integração desses elementos visuais não apenas demonstrou eficácia no acesso ao conteúdo acadêmico, mas também se revelou fundamental na promoção da comunicação, interação social e engajamento ativo dos alunos no ambiente escolar no ensino de crianças com TEA.

Palavras-chave: Aprendizagem, Iconografia, Transtorno do espectro autista.

INTRODUÇÃO

No âmbito educacional, o contexto direcionado ao ensino e aprendizagem de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem suscitado uma série de reflexões e estratégias para promover uma inclusão efetiva e adaptada às necessidades específicas desse público. Nesse cenário, destaca-se a relevância do emprego de recursos iconográficos como ferramenta pedagógica, capaz de potencializar a compreensão e participação ativa desses alunos no ambiente escolar.

A complexidade inerente ao TEA demanda abordagens pedagógicas diferenciadas e sensíveis às características individuais dos estudantes autistas. No contexto da sala de aula, a diversidade de estilos de aprendizagem e a necessidade de adaptação curricular se apresentam como desafios cruciais para educadores e profissionais da área. Nesse sentido, a inserção de recursos iconográficos emerge como uma estratégia promissora para superar barreiras comunicativas e proporcionar um ambiente inclusivo.

Os recursos iconográficos, compreendendo elementos visuais como imagens, símbolos e gráficos, tendo um papel significativo ao proporcionar uma linguagem acessível e adaptada aos alunos com TEA. Ao considerar o espectro autista como uma condição que pode afetar a comunicação e interação social, a utilização desses recursos visuais se mostra como uma alternativa eficaz para estabelecer conexões entre educadores e crianças, facilitando a compreensão mútua e estimulando a participação ativa no processo educacional.

Cada criança é um ser único, as crianças com deficiência intelectual (DI) merecem um olhar individualizado levando-se em consideração suas limitações, suas necessidades, mas não somente o que ainda não consegue realizar com autonomia, mas levar em consideração a bagagem que essas crianças possuem e o que já possuem de autonomia para realizar sozinhas. (TEDDÉ, 2012). Diante disso, é importante relatar que essas crianças que possuem alguma deficiência precisam de práticas que facilitem a sua educação escolar.

Nesse sentido, é importante tomarmos como base o estudo da iconografia como processo de ensino que visa essa(s) prática(s), pois são a partir de pinturas, gravuras, desenhos, imagens que a criança com deficiência estará se, portanto diante de diversas situações, interagindo com os colegas, e, ao mesmo tempo, estudando o conteúdo aplicado pelo professor responsável pela sala.

Nesse sentido, a pesquisa fundamenta-se na premissa de que a iconografia tem um papel essencial no processo educacional de crianças com autismo, proporcionando benefícios tanto para o aprendizado desses alunos quanto para a prática pedagógica do professor. A compreensão dessa ferramenta visual revela-se importante para a construção de ambientes educacionais mais inclusivos e eficazes.

Considera-se que nossa pesquisa busca refletir acerca de como a iconografia colabora nesse ensino e aprendizagem já que “a iconografia, enquanto recurso didático contribui para o ensino-aprendizagem nas aulas porque permite uma melhor fixação na aprendizagem através de pinturas, imagens, entre outros (...)” (GOMES, 2016, p.13), constituindo-se, assim, de um fator fundamental para o ensino de crianças com autismo.

O profissional que frente a este contexto sobre o Transtorno do Espectro Autista, deve possuir estratégia e capacitação para serem utilizadas e ajudar no desenvolvimento motor; social; de fala e comportamental das crianças com TEA. Diante disso, este trabalho torna-se relevante, também, para que professores alunos ou até pesquisadores da área possam compreender melhor como se dá o ensino e aprendizagem através do recurso iconográfico. Espera-se que este tema sirva como subsídio nas práticas de conhecimento entre professores e estudiosos da área.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica baseada na revisão bibliográfica representa uma ferramenta essencial para a investigação e análise de um determinado tema, proporcionando uma compreensão das contribuições já existentes na literatura acadêmica. No presente estudo, a metodologia adotada priorizou a revisão bibliográfica como estratégia de coleta e análise de dados, visando explorar de maneira sistemática as principais vertentes e perspectivas relacionadas ao tema em questão.

A revisão bibliográfica foi conduzida por meio de uma pesquisa criteriosa em bases de dados especializadas, periódicos científicos e obras relevantes no campo de estudo e tem uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa se configura num formato em que os conceitos levantados devem ser contemplados sob uma ótica advinda da prática social. Para Oliveira et al. (2020, p. 02), “[...] uma pesquisa de natureza qualitativa busca dar respostas a questões

muito particulares, específicas, que precisam de elucidações mais analíticas e descritivas”.

A seleção dos materiais levou em consideração critérios de relevância, atualidade e rigor científico, visando assim garantir a qualidade e confiabilidade das fontes consultadas. Os critérios de inclusão foram delimitados para abranger estudos e artigos que explorassem diretamente a aplicação da iconografia no ensino de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Priorizaram-se trabalhos que apresentassem análises e resultados específicos relacionados à utilização de recursos iconográficos nesse contexto. Em contrapartida, foram excluídos materiais que não se alinhavam diretamente com o tema proposto ou que não apresentassem relevância para a abordagem do papel da iconografia no ensino para crianças com TEA.

No que concerne à estruturação da revisão bibliográfica, a análise dos trabalhos selecionados foi organizada de maneira temática e cronológica, permitindo uma apresentação coerente e progressiva das ideias e descobertas no decorrer do tempo. Essa abordagem possibilitou a identificação de lacunas no conhecimento existente e a contextualização do tema dentro do panorama histórico e teórico pertinente.

A revisão bibliográfica não se limitou apenas à compilação de informações, mas também buscou analisar criticamente as contribuições dos estudos existentes, identificando convergências, divergências e tendências no campo de pesquisa. A abordagem crítica adotada permitiu a formulação de reflexões fundamentadas e contribuições significativas para o entendimento do tema em questão.

A metodologia de revisão bibliográfica adotada neste estudo revela-se como uma abordagem robusta e eficaz para a investigação do tema proposto. A análise criteriosa da literatura existente proporcionou uma base para a compreensão do contexto, bem como ofereceu dados que enriqueceram a discussão e a construção do conhecimento científico relacionado à temática abordada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Definido como um transtorno complexo do desenvolvimento, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de manifestação genética, cujo seu espectro de ação é compreendido como um transtorno ligado ao desenvolvimento, podendo atingir diferentes graus (STEFFEN et al., 2019). As crianças

acometidas por tal condição podem apresentar comprometimento na fala; na comunicação; no processo de aprendizagem; e nas relações sociais (PEREIRA et al., 2022).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido como um transtorno do neurodesenvolvimento que abrange a presença de atrasos ou desvios no desenvolvimento típico do funcionamento cerebral. Esses atrasos ou desvios podem afetar principalmente a comunicação e a interação social das pessoas com TEA (OMS, 2022)

Para Schwartman (2011) o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é considerado um transtorno do desenvolvimento de causas neurobiológico definido de acordo com fundamentos clínicos. As características mais comuns são anormalidades qualitativas e quantitativas que afetam de forma mais visível às áreas da interação social, da comunicação e do comportamento. Essas especificidades apresentadas pelas crianças com autismo exigem ações, métodos e práticas de ensino que estimulem suas competências e promovam a aprendizagem e o desenvolvimento.

Camargo; Bosa (2009) define autismo como um transtorno abrangente do desenvolvimento, caracterizado por um padrão significativo de desenvolvimento atípico, notadamente na esfera da interação social e comunicação, juntamente com restrições marcantes em atividades e interesses. Diante disso, oferecer oportunidades para que crianças com autismo interajam com seus pares da mesma faixa etária pode ser benéfico ao estimular suas habilidades sociais e mitigar a persistência do sentimento de isolamento (CAMARGO; BOSA, 2009).

A aprendizagem e o desenvolvimento humano são processos que envolvem múltiplos fatores que precisam ser considerados, desde aspectos cognitivos, passando por fatores psicossociais, até questões de possíveis déficits e/ou incapacidades. Para alunos com défices ou deficiências nas áreas do neurodesenvolvimento, a aprendizagem e o desenvolvimento podem apresentar alguns desafios, como é o caso dos alunos com Transtorno de Espectro Autista (TEA) (TERRA, 2017).

O termo iconografia foi criado em 1920 para dar nome a tudo que estivesse as formas imagéticas. Este buscava estudar pinturas, figuras, telas, entre outros para que, mesmo aqueles que se opunham a prática, pudessem ver como esse recurso era importante para se obter novas formas de interpretação. Assim, mais precisamente, entende que esse termo:

A palavra iconografia vem do grego eikon (imagem) e graphia (escrita), ou seja, literalmente: “escrita da imagem”. (...) Em disciplinas como estudos culturais, história do design, história da arte e sociologia a iconografia pode se referir à imagens ou signos que sejam significativos para determinadas culturas. Essa discussão sobre as imagens como iconografia implica em uma “leitura” crítica dessas imagens na tentativa de explorar valores socioculturais. Um estudo iconográfico pode ser feito através da identificação, descrição, classificação e interpretação do tema das representações figurativas.

Burke (2004, p.44) explica que os iconografistas - como eram chamados os historiadores da arte que se opunham à superficialidade na interpretação das imagens, feitas pela análise formal - pregavam a ideia de que “as pinturas não são concebidas simplesmente para serem observadas, mas também para serem lidas”. Assim, além de estudar as várias formas interpretativas que uma obra trazia, eles buscavam mostrar todos os conteúdos históricos, filosóficos e sociológicos que estava implícito ali.

Muitos estudiosos da iconografia surgiram na época – estudiosos que buscavam na iconografia uma nova forma de pensar o mundo, já que era um método diferente do passado. Em Hamburgo, mais especificamente em uma escola, surgiram os maiores nomes da iconografia.

Assim, para sermos mais exatos, a iconografia é: “[...] de interpretação que advém da síntese mais do que da análise”. Assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica (PANOFKY, 2011, p.54). Nesse sentido, a análise iconográfica se concentra na identificação precisa dos elementos visuais presentes em uma obra de arte, enquanto a análise iconológica vai além, buscando compreender os significados culturais, históricos e simbólicos desses elementos.

A relação imagem-texto faz parte do mundo dos livros infantis, não é apenas a escrita que se destaca, mas as imagens também. A palavra escrita complementa o sentido das imagens e vice-versa. Essa relação pode ser muito importante para o ensino de gramática e vocabulário, nos livros didáticos (ARAÚJO, 2006). Para as crianças, quando um livro não tem imagem ele perde a graça, e o aluno não sente vontade de estudar determinado conteúdo.

As crianças com autismo, por exemplo, sentem grandes dificuldades em trabalhar apenas com o texto, mas quando o professor os auxilia trazendo imagens, cores, pinturas ou gravuras, a tendência é de que o seu aprendizado seja mais favorável.

A iconografia [...] situa-se no nível da imagem, a interpretação iconológica tem aí seu ponto de partida e estende-se além do documento visível, além da chamada evidência documental. Trata-se da recuperação de diferentes camadas de significação. A interpretação iconológica se desenvolve na esfera das ideias, das mentalidades (KOSSOY, 2007, p.55-56).

Diante disso, trabalhar com a educação especial nessa perspectiva é saber que estamos sempre inseridos em um contexto que sofre diversas influências de imagens, vídeos, desenhos, pinturas etc., tudo devido a era da globalização, sendo está uma difusora de aspectos relativos à forma como se trabalha com a televisão, rádios, propagandas entre outros.

Para tanto, trabalhar a iconografia é um elemento também de pesquisa para o próprio educador, pois este vai se interessar em pesquisar coisas novas, imagens e instrumentos novos a fim de desenvolver uma aula que também seja voltada para os alunos com deficiência. Para se trabalhar uma imagem sempre será preciso que o professor considere as potencialidades discursivas e comunicativas que aquele conteúdo irá trazer para os alunos.

As representações iconográficas são consideradas narrativas repletas de complexidade que possuem diversos códigos em seu interior, e a sua leitura requer o conhecimento e compreensão desses códigos. Estes, bem como os discursos e a variedade de imagens que nos são apresentadas ao longo da vida, acabam por criar socialmente as nossas identidades, os nossos valores e preferências. As imagens provenientes das mídias contribuem para as relações sociais, econômicas, políticas e afetivas que os indivíduos constroem. É, portanto, papel do educador revelar as maneiras de apropriação da imagem, como estudá-las e analisá-las. (LEÃO, 2007, p. 09).

Assim, através desses códigos é que o professor poderá liberar seu conhecimento para compreender tudo que envolve uma imagem; seus significados, conceitos, entre outros fatos dessa narrativa. Nisso, esse trabalho passa não só a ajudar, mas a informar, compreender, investigar e utilizar métodos novos que auxiliem nas necessidades especiais de todos os alunos. Segundo Cunha (2012, p. 20), “o termo ‘autismo’ deriva do grego ‘autos’, que significa ‘por si mesmo’ e,

‘ismo’, condição, tendência”. As crianças observadas pelo psiquiatra austríaco apresentavam as características de isolamento, igualmente demonstrada pelos esquizofrênicos, dando a impressão de que eles estavam presos em si mesmos.

O transtorno do espectro autista também é caracterizado como um grupo de distúrbios que têm origem no sistema neurológico e compromete as capacidades de comunicação das pessoas que possuem esse distúrbio. Ele pode variar de indivíduo para indivíduo, seja pelas habilidades sociais, ou pelo simples fato de não conseguirem se comunicar de uma forma mais exata.

Os indivíduos podem apresentar hiperatividade, dificuldade de concentração, dissociabilidade e até mesmo epilepsia. O TEA (como também é conhecido) pode afetar 1% da população, sendo sempre mais comum em homens do que em mulheres. Esse transtorno pode ser considerado uma doença muito complexa, pois alguns especialistas consideram que isso possa ser hereditário. Alguns traços podem ser apresentados para um diagnóstico mais preciso. São estes:

Incapacidade para estabelecer relações com as pessoas, um vasto conjunto de atrasos e alterações na aquisição e no uso da linguagem e uma obsessão em manter o ambiente intacto, acompanhada da tendência a repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas (ORÚ, 2012, p. 19)

A natureza do TEA se manifesta por meio de traços distintivos que tem um papel importante no diagnóstico preciso dessa condição. Entre esses traços, destaca-se a incapacidade para estabelecer relações interpessoais, refletindo um desafio significativo na esfera social. Além disso, observa-se um amplo conjunto de atrasos e alterações na aquisição e no uso da linguagem, impactando diretamente a comunicação desses indivíduos. A presença de uma obsessão em manter o ambiente intacto, aliada à propensão a repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas, configura-se como um elemento marcante do comportamento autista. Esses traços, quando analisados em conjunto, contribuem para a complexidade diagnóstica do TEA, evidenciando a necessidade de uma abordagem multidimensional na compreensão dessa condição.

A concepção do termo “iconografia” na década de 1920 foi cunhada com o intuito de abarcar o estudo das formas imagéticas, englobando pinturas, figuras e telas. Tal termo buscava elucidar a relevância desse recurso, mesmo entre aqueles inicialmente avessos à prática, evidenciando como poderia enriquecer interpretações. Derivado do grego, “iconografia” significa literalmente “escrita

da imagem”, e em disciplinas como estudos culturais, história do design e sociologia, refere-se a imagens ou signos culturalmente significativos, exigindo uma leitura crítica para explorar valores socioculturais.

Os iconografistas, nome atribuído por BURKE (2004, p.44) aos historiadores da arte que buscavam uma análise mais profunda das imagens, sustentavam a ideia de que as pinturas não eram apenas para serem vistas, mas também para serem lidas. Essa abordagem não se limitava à análise formal, mas incluía a revelação de conteúdos históricos, filosóficos e sociológicos implícitos nas obras. Surgiram, então, estudiosos da iconografia, notadamente em Hamburgo, que buscavam uma nova forma de compreender o mundo.

No contexto da educação, a relação entre imagem e texto é destacada, especialmente em livros infantis, onde a presença de imagens complementa o sentido da escrita (ARAÚJO, 2006). Para crianças com autismo, a utilização de recursos visuais, como imagens, cores e pinturas, se mostra para facilitar o aprendizado, tornando o conteúdo mais acessível e atrativo. “A iconografia, focada na interpretação visual, estende-se além da evidência documental, adentrando as esferas das ideias e mentalidades” (KOSSOY, 2007, p.55-56).

Trabalhar com iconografia no campo da educação especial implica reconhecer a influência de imagens na era da globalização. O educador, ao adotar essa abordagem, se envolve em uma pesquisa contínua, explorando novas imagens e instrumentos para desenvolver aulas inclusivas. As representações iconográficas são consideradas narrativas complexas, carregadas de códigos que moldam identidades, valores e preferências socialmente (LEÃO, 2007, p. 09).

No contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), o termo deriva do grego, significando “por si mesmo”, refletindo a tendência ao isolamento observada nas características do distúrbio. O TEA, um grupo de distúrbios neurológicos, afeta as habilidades de comunicação e pode manifestar-se de maneira variada em cada indivíduo. Sua complexidade inclui hiperatividade, dificuldades de concentração e possíveis traços hereditários (CUNHA, 2012, p. 20; ORÚ, 2012, p. 19).

A aplicação da iconografia no ensino de alunos com TEA emerge como uma estratégia relevante. A leitura dos códigos visuais possibilita ao educador desvendar significados, conceitos e narrativas, tornando-se fundamental para compreender e atender às necessidades desses alunos. As imagens, ao

serem incorporadas ao processo de ensino, oferecem uma via alternativa para a comunicação e compreensão, proporcionando uma experiência de aprendizado mais eficaz e inclusiva. Portanto, a iconografia não apenas enriquece o repertório do educador, mas também promove uma abordagem pedagógica mais adaptada e acessível aos alunos com TEA.

O estudo conduzido por Siedler et al. (2023) destaca a relevância da criação de jogos digitais como uma estratégia inovadora para apoiar o aprendizado de crianças autistas em idade pré-escolar. Embora a ênfase esteja centrada nos jogos digitais, é prudente considerar a presença de elementos visuais e gráficos nesses recursos, os quais podem ser interpretados como potenciais recursos iconográficos. A análise minuciosa desses jogos digitais poderia oferecer dados sobre como a iconografia é deliberadamente incorporada e percebida pelas crianças autistas durante o processo de aprendizagem. Essa abordagem inovadora, ao explorar o uso de recursos visuais dinâmicos, abre espaço para uma discussão sobre como a iconografia pode ser adaptada de maneira eficaz para atender às necessidades específicas desse público-alvo, contribuindo, assim, para a compreensão mais ampla do papel desses elementos na educação de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

Por sua vez, Souza et al. (2022) oferecem uma análise sobre estratégias metodológicas no ensino de Ciências e Biologia voltadas especificamente para estudantes com autismo. Considerando a natureza visual e sensorial desses recursos, é plausível inferir que estratégias metodológicas inclusivas possam incorporar elementos iconográficos, beneficiando o processo de ensino-aprendizagem para crianças com Transtorno do Espectro Autista. Assim, a análise desse aspecto, mesmo que não explicitamente mencionado, poderia enriquecer a compreensão sobre a integração eficaz de recursos visuais e iconográficos no ambiente educacional para estudantes autistas.

O estudo conduzido por Alcântara Júnior (2023) concentra-se na acessibilidade e educação em recursos educacionais digitais móveis destinados a alunos com autismo no ensino médio. Apesar da ênfase específica em aspectos de acessibilidade digital, a análise dos aplicativos de linguagens proposta no estudo pode, de maneira intrínseca, envolver elementos visuais e, por conseguinte, abranger aspectos iconográficos. Explorar como esses recursos visuais são efetivamente utilizados e percebidos pelos alunos com autismo torna-se uma vertente relevante para compreender o impacto desses elementos no processo educacional. A investigação minuciosa sobre a presença e a eficácia de

recursos iconográficos nos aplicativos de linguagens poderia fornecer informações sobre como adaptar e aprimorar estratégias de ensino, promovendo uma experiência educacional mais inclusiva e eficiente para alunos com Transtorno do Espectro Autista no ensino médio.

O estudo conduzido por Andrade (2021) aborda o desenvolvimento de brinquedos direcionados para crianças com transtorno do espectro autista. A análise detalhada de como esses brinquedos é percebida e utilizados por crianças com transtorno do espectro autista pode proporcionar dados sobre a eficácia de elementos visuais específicos, contribuindo para uma compreensão mais abrangente de como a iconografia pode ser incorporada de maneira prática e significativa no contexto lúdico desses alunos. Dessa forma, essa investigação pode enriquecer não apenas a concepção de brinquedos inclusivos, mas também a compreensão do papel dos recursos visuais, incluindo os iconográficos, no desenvolvimento e aprendizado de crianças com transtorno do espectro autista.

Os estudos de Siedler et al. (2023), Souza et al. (2022), Alcântara Júnior (2023) e Andrade (2021) oferecem perspectivas diversificadas, porém complementares, sobre a aplicação de recursos educacionais voltados para crianças com transtorno do espectro autista (TEA). Enquanto Siedler et al. (2023) propõem a criação de jogos digitais, potencialmente ricos em elementos visuais e gráficos, Souza et al. (2022) exploram estratégias metodológicas no ensino de Ciências. Alcântara Júnior (2023) aborda a acessibilidade digital, e Andrade (2021) concentra-se no desenvolvimento de brinquedos.

Apesar de não ser explícita sobre o uso de recursos iconográficos, a análise desses estudos pode revelar informações sobre a presença e o impacto desses elementos visuais no aprendizado de crianças com TEA. Investigar como tais recursos são percebidos pelos alunos, considerando a natureza única do TEA, é fundamental para alcançar um objetivo comum: desenvolver estratégias educacionais inclusivas e eficazes que atendam às necessidades específicas desse público-alvo. Essa abordagem integrada, ao explorar diferentes formas de suporte visual, contribui significativamente para o avanço do entendimento sobre a aplicação prática da iconografia no ensino e aprendizagem de crianças com transtorno do espectro autista.

Dentro do contexto acadêmico que aborda o uso de recursos iconográficos no ensino e aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é possível identificar diversos autores cujas contribuições se entrelaçam

e convergem para enriquecer a compreensão dessa temática. No cenário da iconografia e sua aplicação no campo educacional, destaca-se Panofsky (2011), cujas ideias fundamentais ressaltam a importância da interpretação iconológica na leitura crítica das imagens, indo além da simples análise formal.

No contexto da iconografia voltada para a educação especial e o Transtorno do Espectro Autista (TEA), as contribuições de Kossy (2007) ganham relevância ao oferecer uma perspectiva que transcende a mera interpretação visual. Kossy (2007) amplia o escopo da análise iconográfica ao abordar não apenas as representações visuais em si, mas também as conexões dessas imagens com as esferas das ideias e mentalidades. Essa abordagem resalta a importância de não apenas observar as imagens superficialmente, mas de compreender as nuances e as camadas mais profundas de significação que podem estar presentes. No contexto educacional, essa perspectiva enriquece a compreensão das potencialidades discursivas e comunicativas das imagens, proporcionando uma base sólida para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais eficazes e inclusivas para alunos com TEA.

Burke (2004), ao abordar a atuação dos iconografistas na história da arte, fornece dados sobre a leitura profunda das imagens, defendendo a ideia de que as pinturas não são apenas para serem vistas, mas também para serem lidas. Essa abordagem alinha-se com a proposta de incorporar a iconografia como meio de comunicação acessível para crianças com TEA, visto que vai além da superficialidade na interpretação visual.

No contexto mais específico do transtorno do espectro autista, Cunha (2012) e Orú (2012) fornecem informações relevantes sobre as características e manifestações do TEA, destacando a complexidade desse distúrbio neurológico. Essa compreensão é essencial para embasar a aplicação de estratégias educacionais, incluindo o uso de recursos iconográficos, que levem em consideração as necessidades específicas desses alunos.

Dentre os estudos abordados, Siedler et al. (2023) contribuem diretamente para a discussão sobre o uso de jogos digitais como estratégia educacional para crianças com TEA. Nesse contexto, a interconexão entre as ideias de diferentes autores, como Panofsky, Kossy, Burke, Cunha, Orú e os estudos específicos de Siedler et al., destaca a relevância do uso de recursos iconográficos no ensino para crianças com TEA. A abordagem integrada dessas perspectivas contribui para uma compreensão embasada sobre como a iconografia pode ser aplicada

de maneira eficaz, promovendo a inclusão e o desenvolvimento educacional desses alunos.

Diante da análise e diagnóstico expostos, torna-se evidente a identificação de comportamentos e padrões característicos das crianças afetadas pelo transtorno do espectro autista. Nesse contexto, é imperativo que pais, professores e acompanhantes estejam atentos a tais manifestações, a fim de promover uma inclusão mais eficaz e ajustada às necessidades individuais dessas crianças. A iconografia, nesse cenário, não apenas se destaca como uma ferramenta essencial, mas também se revela como um elemento fundamental para otimizar o ambiente escolar. Ao adotar a iconografia como recurso facilitador, cria-se uma abordagem inclusiva que não apenas propicia uma participação mais ativa, mas também contribui de maneira significativa para o desenvolvimento integral das crianças com transtorno do espectro autista.

Cabe ressaltar que é importante que a criança seja analisada não pelo TEA apresentado em seu diagnóstico, mas sim pelas suas possibilidades de desenvolvimento: motor, linguagem e aprendizagem. Trata-se de compreender e trabalhar a questão de como estes indivíduos podem desenvolver melhor a sua integração social.

A iconografia é especialmente significativa no contexto da educação especial, e mais especificamente, revela-se importante no trabalho com o transtorno do espectro autista (TEA). Essa ferramenta de aprendizagem não apenas facilita o desenvolvimento do educando, mas também se destaca na execução de tarefas adicionais e na promoção de uma inter-relação mais efetiva com o ambiente da sala de aula. A aplicação da iconografia, ao incorporar elementos visuais e gráficos, oferece suporte adaptado às necessidades únicas dos alunos com TEA, promovendo uma abordagem inclusiva que potencializa o aprendizado e o engajamento desses estudantes nas atividades educacionais. Dessa forma, a iconografia emerge como um recurso na promoção do desenvolvimento e na facilitação do processo de aprendizagem de crianças com autismo, contribuindo para um ambiente educacional mais acessível e enriquecedor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma reflexão acerca de como a utilização de recursos iconográficos propicia um aprendizado melhor para os alunos portadores de transtorno do espectro autista, além de

mostrar-nos algumas formas que podem ser trabalhadas para que esse aluno seja incluído nas atividades escolares. Ficou evidente que a incorporação de recursos iconográficos tem se destacado como uma estratégia inovadora e relevante, particularmente quando direcionada ao ensino de crianças com necessidades especiais, notadamente aquelas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

No âmbito do Transtorno do Espectro Autista, a compreensão dos traços distintivos, como a dificuldade nas relações interpessoais, alterações na linguagem e tendências ritualizadas, contribuiu para uma visão mais abrangente dessa condição complexa. Integrar a iconografia no ensino de crianças com TEA não apenas atingiu, mas superou as expectativas, promovendo um ambiente educacional adaptado, acessível e estimulante.

Dessa forma, a utilização da iconografia no ensino de crianças com TEA revelou-se uma ferramenta promissora, contribuindo significativamente para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas e eficazes. O alcance desses objetivos ressalta a importância contínua de explorar e aplicar abordagens inovadoras no campo educacional, especialmente ao lidar com a diversidade de necessidades dos alunos.

Assim, o trabalho com a iconografia pode estar ligado a várias áreas de ensino, sempre dependendo da especificidade de cada aluno, bem como do planejamento do professor ao utilizar esse método facilitador da aprendizagem. Nisso, nos nossos resultados percebemos que o ensino está cada vez melhor quanto a esses métodos. Vimos também que a iconografia facilita a aprendizagem dos alunos, pois, mesmo sem conseguir escrever, ele ainda consegue se expressar através dos desenhos que faz.

Através da interação com imagens, esses alunos podem assimilar conteúdos acadêmicos de maneira mais eficiente, superando barreiras cognitivas que podem surgir em métodos tradicionais de ensino. Destacando-se o papel significativo dos recursos iconográficos no enriquecimento do processo educacional para crianças com Transtorno do Espectro Autista. A integração desses elementos visuais não apenas demonstrou eficácia no acesso ao conteúdo acadêmico, mas também se revelou fundamental na promoção da comunicação, interação social e engajamento ativo dos alunos no ambiente escolar no ensino de crianças com TEA.

Em suma, a iconografia é particularmente importante no contexto da educação especial e, mais especificamente, no tratamento do transtorno do

espectro do autismo (TEA). Esta ferramenta de aprendizagem não só beneficia o desenvolvimento do aluno, mas também é adequada para realizar tarefas adicionais e promover inter-relações mais eficazes com o ambiente da sala de aula. Neste caso, as imagens não são apenas uma ferramenta importante, mas também se tornam um elemento essencial na otimização da aprendizagem de crianças com TEA em um ambiente escolar. Ao empregar imagens como recurso facilitador, cria-se uma abordagem inclusiva que não só promove uma participação mais ativa, mas também dá um contributo significativo para o desenvolvimento global das crianças com autismo.

Ao concluir esta análise sobre a aplicação da iconografia no ensino de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é possível afirmar que os objetivos propostos foram alcançados de maneira satisfatória. A exploração da iconografia como ferramenta pedagógica revelou-se essencial para proporcionar uma abordagem inclusiva e enriquecedora, especialmente para crianças com TEA.

Portanto, o trabalho serve como incentivo para às escolas e profissionais de educação, para que sempre busquem formas novas de aprendizagem para alunos que possuem dificuldades em determinados assuntos e áreas. Espera-se que esta pesquisa sirva de subsídio para outros trabalhos que virão e que abordarão a iconografia como ferramenta de ensino e aprendizagem, e como método de trabalho com alunos autistas.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA JÚNIOR, Francisco das Chagas. **Acessibilidade e educação em recursos educacionais digitais móveis: um estudo sobre as necessidades e as ofertas de aplicativos de linguagens e suas tecnologias para alunos com autismo no ensino médio.** 2023.

ANDRADE, Danielle Phabiolla Araujo Siqueira de. **Brinquedo para crianças com transtorno de espectro autista.** 2021.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem.** Bauru: Edusc, 2004.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. **Competência social, inclusão escolar e autismo: Revisão crítica da literatura.** Psicologia e Sociedade, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão:** psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

GOMES, Silvana. **Iconografia:** imagens, interpretações e novas abordagens no ensino de história, Lisboa, 2016.

JOLY, M. (2013). **Introdução à análise de imagens.** 14ª ed. Campinas-SP: Papyrus

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

OLIVEIRA, G. S.; CUNHA, A. M. O.; CORDEIRO, E. M.; SAAD, N. S. Grupo Focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa? In: **Cadernos da Fucamp**, UNIFUCAMP, v.19, n.41, p.1-13, Monte Carmelo, MG, 2020.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Transtorno do Espectro Autista.** 2022. Disponível em: [https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectroautista#:~:text=O%20transtor no%20do%20espectro%20 autista,e%20realizadas%20de%20forma%20repetitiva](https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectroautista#:~:text=O%20transtor%20no%20do%20espectro%20autista,e%20realizadas%20de%20forma%20repetitiva). Acesso em: 19 de fev. 2024.

ORRÚ, E. S. **Autismo, linguagem e educação:** interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

_____. **Autismo:** o que os pais devem saber? Rio de Janeiro: Wak, 2011.

PANOFISKY, Erwin. **Significado nas artes visuais.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

PEREIRA, M S N; et al. **A importância do diagnóstico precoce no transtorno do espectro autista: algumas considerações.** In: BATISTA, Claudio Roberto; BOSA, Cleonice. Autismo: reflexões e perspectivas. Rio de Janeiro: Artmed, 180p.2022.

SCHWARTZMAN, J. S. **Autismo e outros transtornos do espectro autista**. Revista Autismo, set. 2010.

SIEDLER, Marcelo S. et al. Criando jogos digitais para pauxiliar o aprendizado de crianças autistas em idade pré-escolar. In: **Anais do I Workshop em Estratégias Transformadoras e Inovação na Educação**. SBC, 2023. p. 83-92.

STEFFEN, B F et al. **Diagnóstico precoce de autismo**: uma revisão literária. Revista Saúde Multidisciplinar, vol. 2, n. 6, pp. 1-6. 2019

SOUZA, Elismar Oliveira et al. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA VOLTADAS AOS ESTUDANTES COM

AUTISMO. **EDUCAÇÃO EM TRANSFORMAÇÃO: PRÁXIS, MEDIAÇÕES, CONHECIMENTO E PESQUISAS MÚLTIPLAS, VOLUME 1.**, p. 47, 2022.

TEDDÉ, Samantha. **Crianças com Deficiência Intelectual: A APRENDIZAGEM E A INCLUSÃO**. São Paulo, 2012.

TERRA, R. O. **A escola, o autismo e a inclusão**: uma revisão bibliográfica. 2017.

